

# ESSE MENINO, O POBRE VALDIVINO

CORREIO BRAZILIENSE

25 ABR 1996

Quem se lembra desse menino, que dormia nas calçadas da Igreja da Candelária, vivia de lavar carros, pedir esmolas e rastejar pelas ruas do infortúnio de sua própria vida? Uma noite, quando livrava-se do seu surrado e rasgado cobertor para fugir, teve seu corpo crivado de balas. Ficou a mancha do seu sangue na calçada, a revolta que comoveu a cidade do Rio de Janeiro e o Brasil. Hoje, não se sabe onde está seu túmulo, perdido no anonimato de todos os injustiçados.

Em Corumbiara, Rondônia, gente vinda de todas as partes do país, tocada pela miséria do desemprego e da condição subumana, buscava um pedaço de terra, iluminada pelo sonho de viver melhor. Vem o conflito, soldados armados invadem seu acampamento e restam corpos espalhados na mata. Em nossos olhos ficou a imagem do sangue derramado.

Em Carandiru, os párias da marginalidade, os mais atormentados porque carregam na consciência a consciência dos crimes hediondos, outros banais punhistas de esquina, outros falsificadores de cheques, outros inocentes e muitos desesperados de tudo, estão enjaulados, amontoados em celas de vinte metros quadrados, cheiro de fezes e urina, a podridão do corpo exalando um odor sujo de cloaca. De repente vem a revolta, o grito indomado de quem pode fugir de si mesmo. É um lampejo e um instante. Logo os tiros abafam aquele momento e a fuzilaria matraça de cela em cela até escorrer um silêncio de morte, com gemidos de quem, ferido, se despede da vida ou inicia o calvário do sofrimento do corpo dilacerado.

Em São Paulo, uma simples estatística, fria como os números, a título de curiosidade, dá notícia de que os homicídios aumentaram 27% e já são mais de quinhentos numa semana.

Em todo o país, seqüestros, assaltos a bancos e tudo, crimes os mais execráveis fazem do Brasil uma terra de medo, de inquietação, onde a violência se institucionaliza. Espanta os de dentro e os de fora. Deixa de ser o Brasil cordial para ser o país da discórdia. Isso não pode prosperar.

No Rio de Janeiro, os "morros mal vestidos" são campos da guerrilha urbana, massacres e mais massacres e o cotidiano da violência faz com que não se contem mais as vidas. A Baixada Fluminense, que outrora era a violência individual ou de grupos marginais onde policiais participavam nos famosos esquadrões da morte, passa a ficar em segundo plano, graças à desgra-

ça da expansão sem limites daviolenta. Agora, em toda a cidade é a violência institucionalizada, o crime organizado que não se restringe aos bandidos, mas se ramifica nas corporações, aliciando agentes e dirigentes. As casas são todas gradeadas, a aspiração de estar armado dá a sensação de uma couraça contra a morte, com o próprio instrumento da morte.

Agora, para aumentar esta paisagem, nos vem este inadmissível acontecimento do Eldorado de Ca-

rajás. Foi tão forte e duro que até a insensibilidade nacional diante da rotina da violência explodiu. Não eram só as balas e os fuzilamentos, mas sobretudo as pessoas mortas. Pobres homens e mulheres que só tinham o dia e a noite, perderam esse dia e essa noite.

Desapareceu o espaço para o diálogo, para a construção da paz? Será que somente existe caminho para a marcha da insensatez? A natureza do homem é violenta, o principal de seus instintos, dizia

Nietzche. O que tem feito o homem, ao longo de sua aventura, se não o de procurar dominar essa compulsão?

O problema agrário é sério no país. Ele toma uma característica que preocupa. É uma causa justa, é uma necessidade de sobrevivência nacional que, como seria natural, toma conotações de toda ordem e serve-se a desvios e explorações de qualquer natureza. Deixá-lo fora de controle é abrir portas para uma Chiapas. E o exemplo do México é o de que nenhuma estabilidade econômica resiste a desestabilização social e política. O problema agrário, também, não pode ser encarado isoladamente, fora do contexto do desemprego, da má distribuição de renda, transferência de riqueza do setor rural para o setor da especulação financeira. Por outro lado, a reforma agrária tem de caminhar juntamente com uma política agrária, não podendo desorganizar a produção no campo.

O presidente Fernando Henrique, tocado com uma visão global do problema, chamou-nos para uma reunião, em companhia do presidente da Câmara e do presidente do Supremo Tribunal Federal. Sugerimos medidas emergenciais e tópicas, como a criação do Ministério Extraordinário da Reforma Agrária, acumulando o ministério a presidência do Inbra, órgão que deve ser reestruturado; varas privativas de questões fundiárias; votação de leis estabelecendo rito sumário para ações agrárias; diferenciação da possibilidade de liminares em questões possessórias, justiça comum para crimes de homicídio cometidos por militares, recursos adicionais para aquisição de terras quando o conflito se verificar em empresa rural, enfim, procurar desobstruir o que está entupido e ganhar tempo para um programa abrangente e permanente que possa colocar a questão entre aquelas que são prioritárias mesmo, inclusive os problemas da agropecuária.

Enquanto isto não chega, vamos voltar aos tempos do romantismo. Lembrar-nos de Castro Alves, quando em face da miséria e da mancha indelével da escravidão, chamava em *Vozes d'África*: "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes? Em que mundo, em que estrela tu t' escondes/ embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito/ Que embalde desde então corre o infinito.../Onde estás, Senhor Deus?..."

Ele estará entre todos nós para iluminar o país a encontrar uma solução de convivência e paz.

■ José Sarney é presidente do Senado

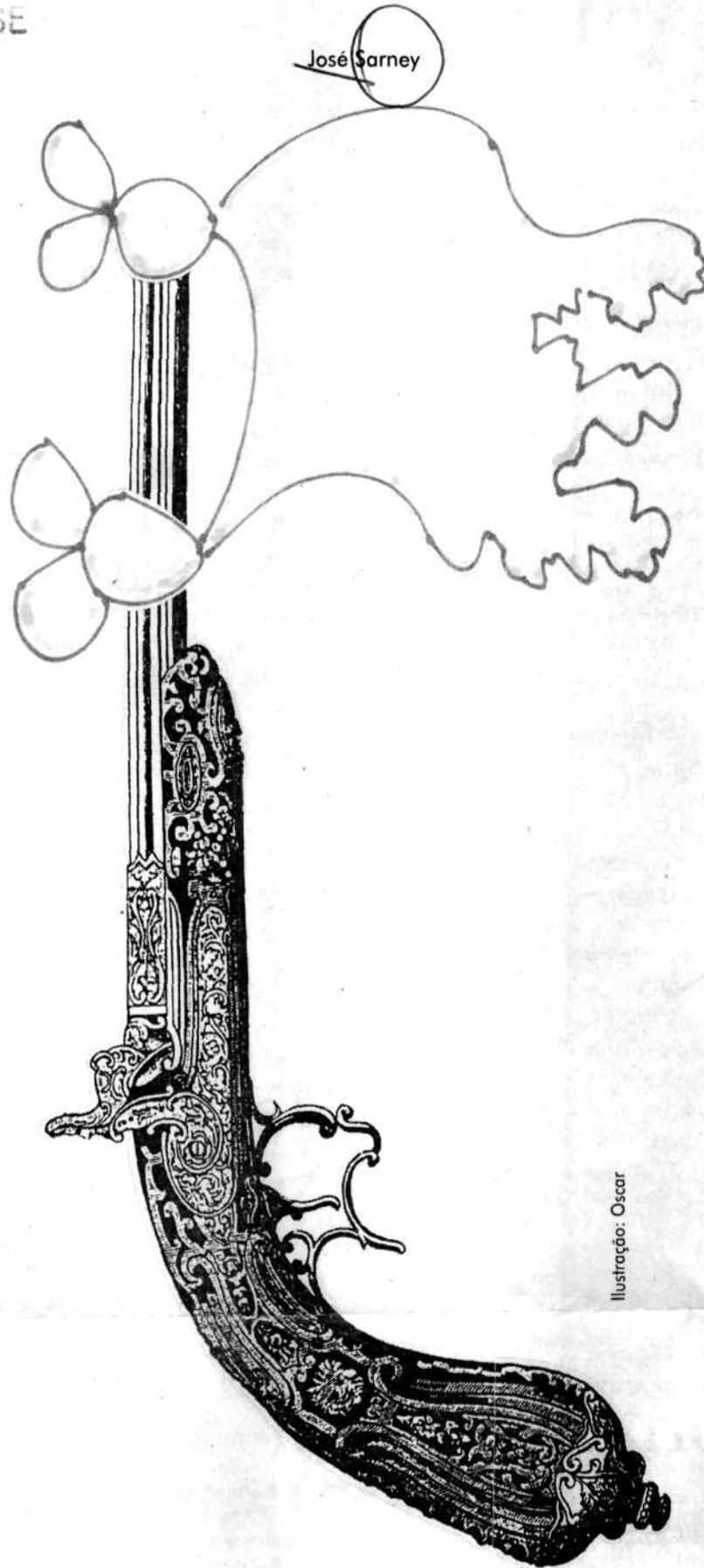


Ilustração: Oscar